

Incentivos fiscais pagaram 1/3 da actividade de investigação das empresas inovadoras

Luísa Pinto

● Está comprovado que o investimento em inovação permite multiplicar a presença internacional das empresas, aumentar as inovações comerciais e segurar, senão mesmo criar, postos de trabalho. Mas este é o ano em que a aposta na inovação vai voltar a perder a liderança na estratégia das empresas, passando a qualidade dos produtos e desenvolvimento internacional a liderar as prioridades.

Portugal é um dos países que aparecem com piores resultados no indicador que mede o optimismo quanto ao futuro da inovação num barómetro que analisa a situação em nove países europeus.

Se no ano passado 70% das empresas portuguesas que participaram no Barómetro do Financiamento à Inovação do Alma Consulting Group referiam pretender fazer contratações durante o ano de 2011, este ano a posição inverteu-se e 65% das empresas inquiridas afirmam não

pretender fazer novas contratações para as actividades de Investigação & Desenvolvimento (I&D) durante o ano de 2012.

Este pessimismo poderá ser aferido também nas respostas de 77% das empresas portuguesas da amostra de 229 que responderam ao Barómetro, onde manifestavam apreensão e dúvida pela continuidade do SIFIDE, o Sistema de Incentivos Fiscais à Investigação e Desenvolvimento Empresarial, que permite às empresas abater em sede de IRC os investimentos que façam em inovação. Apesar de algumas alterações introduzidas, o SIFIDE continua a vigorar na proposta de Orçamento do Estado para 2012 apresentada pelo ministro das Finanças, Vítor Gaspar, um tratamento de quase excepção nesta área, já que o Governo mantém os benefícios numa altura em que a tendência é reduzir benefícios e agravar impostos.

Segundo o director do Alma Consulting Group em Portugal, Nuno Nazaré, o SIFIDE é um dos incentivos fis-



Vítor Gaspar manteve incentivo

cais à I&D mais generosos da Europa e em Portugal tem um peso bastante superior aos incentivos a fundo perdido e a empréstimos reembolsáveis. “A provar o forte estímulo do SIFIDE às actividades de I&D empresarial, 55% das empresas portuguesas in-

quiridas que beneficiaram do SIFIDE pretendem reinvestir em I&D o valor do incentivo conseguido. Mais significativo é o facto de, mesmo perante a crise, 65% dessas empresas esperarem manter o investimento em I&D”, analisa o consultor português.

O Barómetro do Financiamento da Inovação vai já na sua sétima edição e baseia-se numa amostra de 20.141 gestores e directores de I&D de nove países europeus. Tal como em Portugal, é nos incentivos fiscais que as empresas europeias mais inovadoras vão buscar uma importante parte do financiamento de que necessitam para manterem as suas actividades de investigação.

A crise está a obrigar as empresas inovadoras a focarem-se em novas fontes de financiamento, e a procura de bons estímulos financeiros surge no topo das prioridades numa lista onde antes estavam a proteger patentes e gerir eficazmente os recursos internos e externos dedicados à Inovação.